

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

KELEN ROSANA TEIXEIRA DA SILVA

**ELEMENTOS LÚDICOS E SUAS INFLUÊNCIAS NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

MARINGÁ

2013

KELEN ROSANA TEIXEIRA DA SILVA

**ELEMENTOS LÚDICOS E SUAS INFLUÊNCIAS NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial de obtenção do grau de
licenciado em pedagogia.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Regina de Jesus
Chicarelle

MARINGÁ

2013

ELEMENTOS LÚDICOS E SUAS INFLUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Kelen Rosana Teixeira da Silva¹

RESUMO

A educação infantil se constitui em um momento primordial para o desenvolvimento e aprendizado efetivo da criança. Em consequência da grande importância conferida a essa etapa educativa, grande tem sido a discussão sobre o que deve fazer parte da educação infantil. Dentre essas discussões está a utilização de jogos, brinquedos e brincadeiras como recursos que qualificam e enriquecem a prática pedagógica e o trabalho desenvolvido com crianças pequenas em ambientes educativos. Diante disso, pretendemos neste trabalho discutir e analisar as influências dos elementos lúdicos no desenvolvimento infantil, a partir da concepção de que a ludicidade é uma atividade que faz parte da formação histórica e cultural da criança. Para tanto, o trabalho encontra-se fundamentado nas obras de Vigotsky, Wajskop, Kishimoto, Friedman, entre outros autores que abordam a temática em estudo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que busca verificar como é proposta a utilização de jogos, brinquedos e brincadeiras na educação infantil como recurso didático-metodológico, assim como o lugar ocupado por estes na rotina de organização das instituições de educação infantil, analisando como os momentos lúdicos vêm sendo aproveitados em ambientes educativos. Os resultados desse estudo apontam a necessidade de resgatar o trabalho pautado na ludicidade na educação infantil, e dos professores receberem uma formação que os possibilite a mudar a forma de compreender e conduzir o lúdico, pois na educação infantil ainda impera uma concepção do lúdico como recreação, descarga de energia ou entremeando uma atividade e outra e, não como possibilidade pedagógica. Assim, constatou-se que na educação infantil os momentos destinados ao brincar têm sido ocupados por atividades consideradas mais “produtivas”, pois a preocupação têm sido preparar a criança para as séries iniciais do ensino fundamental, priorizando apenas o seu desenvolvimento cognitivo. Contudo, os elementos lúdicos são indispensáveis no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, em especial da criança da educação infantil, constituindo-se em instrumentos que enriquecem a prática pedagógica, propiciando a construção do conhecimento e a vivência de experiências significativas tanto pela criança quanto pelo professor.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desenvolvimento e aprendizagem. Jogos. Brinquedos. Brincadeiras.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

ABSTRACT

Child education is paramount in one's learning process. Because of that, great has been the discussion on what to include in such an education. Among the possibilities to be developed in the aforementioned process, the use of toys, games and ludic activities stands out, for they enrich and give better quality to a child's development in school places. Thus the aim of this paper is to discuss the importance of ludic elements in educating children. In order to meet our goal, this study was based on the theory of historical and cultural formation. In this sense authors such as Vigotsky (2007), Wajskop (2012), Kishimoto (2011), Friedman (2006), guided our investigation. Our bibliographic research aimed at discussing how these ludic elements are used in schools today and conducted in the students' learning routine. We concluded that it is of overriding importance to go back to teaching under the influence of ludic elements as well as provide a good teaching preparation to implement this method. In fact nowadays children play without knowing exactly its purpose, which reveals us the idea of the misuse of ludic elements at schools. Furthermore, our research found out that most of the times other activities are chosen over playing, once they are taken as more productive. Thus ludic elements should be deemed important in the learning process, mainly when it comes to basic/elementary education. All in all playing is a means to an end, given the fact that through interaction both teachers and pupils can share experiences that help to build knowledge.

Keywords: Child education. Development and learning. Games. Toys. Recreation.

Introdução

A educação infantil se constitui em um momento significativo para a construção da identidade, além de contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Devido a grande importância atribuída a essa etapa da educação, muito tem se discutido sobre o que deve fazer parte dessa etapa educativa, dentre as muitas discussões esta a utilização de brinquedos, jogos e brincadeiras como recurso didático-metodológico no trabalho com crianças de 0 a 5 anos, pois, embora o brincar sempre tenha feito parte do cotidiano infantil, nem sempre lhe foi dada a devida importância.

Sendo assim, a presente pesquisa busca discutir e analisar a interferência dos elementos lúdicos na educação infantil, já que o brincar é um elemento inerente ao universo infantil. Nesse contexto, é importante ressaltar que as discussões referentes às contribuições dos elementos lúdicos na educação infantil não é algo novo. Há muitos anos as questões referentes a ludicidade vêm sendo tema de discussões, principalmente na área da educação. Diversos autores têm discutido e estudado a importância e as contribuições dos brincar para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Todavia, apesar de atualmente ser possível observar uma mudança visível, com relação à forma como se compreende a infância e o desenvolvimento da criança, percebe-se ainda que o brincar não recebe a prioridade que deveria, isto é, não tem um espaço garantido na educação da criança pequena. Além desse aspecto, ressaltamos também que para grande parte dos professores da educação infantil não é evidente a importância do brincar nessa etapa educativa.

Considerando esse contexto, buscamos nesse trabalho responder questionamentos como: Qual o papel ocupado pelos jogos, brinquedos, e brincadeiras na educação infantil? Como o brincar é compreendido ao longo da história? Quais as contribuições do momento lúdico para com o desenvolvimento e aprendizagem das crianças nessa etapa da educação? Qual o lugar destinado ao lúdico nas instituições educativas? Como o lúdico é abordado nos documentos legislativos? Quais as possibilidades educativas que os elementos lúdicos proporcionam ao trabalho pedagógico? Qual a concepção que os professores têm do lúdico no contexto escolar?

Partindo destes questionamentos, pontuo que o meu interesse por estudar essa temática, surgiu no segundo ano do curso, quando iniciei a disciplina de Estágio Curricular

Supervisionado de Educação Infantil I, e posteriormente a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Educação Infantil II. Os Estágios foram desenvolvidos em dois Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), e, as observações realizadas em ambos mostraram que nesses espaços os momentos destinados ao brincar eram raríssimos, e os poucos existentes eram destinados a “preencher” algum tempo vago que sobrava entre uma atividade e outra, o que mostrou que os momentos do brincar não fazia parte do planejamento diário.

As situações vivenciadas nos dois CMEIs me fizeram perceber que embora as discussões referentes à importância do brincar no desenvolvimento e aprendizagem da criança vêm sendo desenvolvidas há muitos anos, o brincar, muitas vezes, não ocupa um lugar de “destaque” na educação infantil, isto é, o brincar é visto simplesmente como passatempo. Esse contexto me levou ao seguinte questionamento: Qual o lugar ocupado pelo brincar que é algo próprio da infância na educação infantil?

Buscando encontrar respostas e refletir sobre os questionamentos apresentados, esse trabalho de caráter bibliográfico fundamentou-se nas produções de Wajskop (1995) e Wajskop (2012), que aborda a importância do brincar na educação infantil, Vygotsky (2007), que discute o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, Kishimoto (2011b) que trata da relação entre os elementos lúdicos (jogos, brinquedos e brincadeiras) e a educação. A produção de Friedman (2006), e Cória-Sabini e Lucena (2004) também foram de grande importância para a elaboração desse trabalho, ao explicar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança em ambiente educativo através do brincar. Além desses, muitos autores deram suas contribuições para que este estudo se realizasse.

Posto isto, esta pesquisa tem como objetivo discutir e analisar as influências dos elementos lúdicos no desenvolvimento da criança pequena em ambiente educativo. Para tanto, buscamos nesse trabalho evidenciar a concepção histórica do lúdico no âmbito educativo; verificar como o brincar é abordado nos documentos legislativos; analisar o espaço destinado ao brincar na educação infantil e por fim compreender a ação pedagógica e as possibilidades do trabalho pautado na ludicidade.

Sendo assim, neste estudo abordamos os conceitos de brinquedo, brincadeira e jogo. Contudo, para refletirmos e compreendermos as influências desses elementos lúdicos na educação reiteramos também as concepções do brincar no contexto educacional ao longo da história

Além disso, analisaremos a forma como o brincar é abordado nas políticas públicas e

nos documentos legislativos, visto que são esses documentos que direcionam e norteiam a prática pedagógica na educação infantil e, o espaço ocupado pelos elementos lúdicos nas instituições de educação infantil, destacando como esses momentos são aproveitados.

Partindo dessa perspectiva, analisaremos a ação pedagógica e as possibilidades do trabalho pedagógico desenvolvido em uma perspectiva lúdica. Sendo assim, buscamos nesse trabalho instigar os profissionais da educação infantil a repensar o papel ocupado pelo lúdico na Educação Infantil por meio de discussões e análises sobre a influência que este exerce no desenvolvimento infantil, pois frequentemente presenciamos no espaço educativo práticas que não valorizam a criança como um ser que pode aprender de maneira lúdica, divertindo-se e brincando. A esse respeito, Wajskop (1995), nos mostra que atualmente há uma tendência das pré-escolas brasileiras em utilizar materiais pedagógicos e práticas lúdicas, com fins no próprio material, descontextualizados com a realidade da criança.

Posto isto, esta pesquisa tem como objetivo discutir e analisar as influências dos elementos lúdicos no desenvolvimento da criança pequena em ambiente educativo. Para tanto, buscamos nesse trabalho evidenciar a concepção histórica do lúdico no âmbito educativo; verificar como o brincar é abordado nos documentos legislativos; analisar o espaço destinado ao brincar na educação infantil e por fim compreender a ação pedagógica e as possibilidades do trabalho pautado na ludicidade.

Sendo assim, neste estudo abordamos os conceitos de brinquedo, brincadeira e jogo. Contudo, para refletirmos e compreendermos as influências desses elementos lúdicos na educação reiteramos também as concepções do brincar no contexto educacional ao longo da história. Contemplamos ainda nesse trabalho, a forma como o brincar é abordado nas políticas públicas e nos documentos legislativos, visto que são esses documentos que direcionam e norteiam a prática pedagógica na educação infantil e, o espaço ocupado pelos elementos lúdicos nas instituições de educação infantil, destacando como são aproveitados esses momentos.

Partindo dessa perspectiva, analisaremos a ação pedagógica e as possibilidades do trabalho pedagógico desenvolvido em uma perspectiva lúdica. Sendo assim, buscamos nesse trabalho instigar os profissionais da educação infantil a repensar o papel ocupado pelo lúdico na Educação Infantil por meio de discussões e análises sobre a influência que este exerce no desenvolvimento infantil, pois frequentemente presenciamos no espaço educativo práticas que não valorizam a criança como um ser que pode aprender de maneira lúdica, divertindo-se e

brincando. A esse respeito, Wajskop (1995), nos mostra que atualmente há uma tendência das pré-escolas brasileiras em utilizar materiais pedagógicos e práticas lúdicas, com fins no próprio material, descontextualizados com a realidade da criança.

Dessa maneira através das reflexões e análises presentes nesse trabalho, buscamos proporcionar uma melhor compreensão da forma como os elementos lúdicos influenciam o desenvolvimento da criança da educação infantil. Para dar conta do proposto, consideramos necessário conceituar os elementos lúdicos que serão abordados no decorrer do trabalho, pois somente a partir do entendimento do conceito desses termos poderemos realizar uma análise mais aprofundada sobre a influência que tais elementos exercem no desenvolvimento da criança.

1. Elementos lúdicos: jogos, brinquedos e brincadeiras.

Pretendemos aqui abordar o conceito dos elementos lúdicos que serão discutidos no decorrer do trabalho. Nessa perspectiva entendemos que conceituar os elementos lúdicos (jogos, brinquedos e brincadeiras) é indispensável, quando temos como proposta entender as influências que tais elementos exercem no desenvolvimento infantil, visto que frequentemente presenciamos a utilização desses termos como sinônimos.

Nesse contexto, ao tratarmos dos elementos lúdicos na educação, faz-se necessário primeiramente conceituar o significado da palavra “lúdico”. Nas palavras de Friedman (2006, p.41), “lúdico vem de *ludus*, que significa ‘jogo, divertimento, recreação’ e deu origem às palavras aludir, iludir, ludibriar, eludir, prelúdio etc., mas originalmente, refere-se ao brincar não verbal, à ação propriamente dita”.

Com a definição do termo lúdico seguiremos nosso objetivo de conceituar os elementos lúdicos abordados nesse estudo. Para Friedman (2006, p.41), a palavra “jogo tem origem no termo latino *jocus*, que significa ‘gracejo, graça, pilhéria, escárnio, zombaria’. Em latim, essa é a palavra originalmente reservada para as brincadeiras verbais: piadas, enigma, charadas etc”.

Kishimoto (2011 b), ao tratar do jogo nos mostra que definir o jogo não é tarefa fácil, pois quando pronunciamos a palavra jogo cada pessoa pode entendê-la de um modo diferente, e, além disso, podemos nos referir a diferentes jogos. Contudo, apesar de todos os jogos receberem a mesma denominação, cada um tem suas especificidades como, por exemplo,

podemos citar os jogos destinados às crianças e os jogos destinados aos adultos, que apresentam especificidades de acordo com a faixa etária de cada sujeito.

Além dos aspectos acima citados, os jogos se diferenciam também pela presença imaginária, regras padronizadas, satisfação da manipulação dos objetos, representação mental, habilidade manual, pois tais aspectos podem aparecer em alguns jogos e desaparecer em outros.

Nesse âmbito, é possível afirmar que o significado do jogo varia de acordo com o contexto, como afirma Kishimoto

um tabuleiro com piões é um brinquedo quando usado para fins de brincadeira. Teria o mesmo significado quando vira recurso de ensino, destinado à aprendizagem de números? É brinquedo ou material pedagógico? Da mesma forma, um tabuleiro de xadrez feito de material nobre como o cobre ou mármore, exposto como objetivo de decoração, teria o significado de jogo?(KISHIMOTO , 2011 b, p.17).

Essas situações demonstram como é difícil e complexo definir o que é jogo, pois um mesmo objeto pode ou não ser considerado jogo de acordo com a circunstância e com o contexto no qual está inserido. Além desse aspecto, essa complexidade aumenta quando um mesmo comportamento pode ou não ser considerado como jogo. “Uma mesma conduta pode ser jogo ou não jogo em diferentes culturas, dependendo do significado a ela atribuído. Por tais razões fica difícil elaborar uma definição de jogo que englobe a multiplicidade de suas manifestações concretas” (KISHIMOTO, 2011b, p. 17-18).

Para aumentar a complexidade envolvendo a temática em questão, alguns materiais lúdicos são chamados de jogos e outros de brinquedos, mas afinal qual a diferença entre jogos e brinquedos? Pois, verificamos que frequentemente esses termos são utilizados como sinônimos.

Para explicar essa diferença recorreremos a Kishimoto (2011a, p.20), que afirma que “diferindo do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização”. Assim, um brinquedo pode proporcionar a criança várias brincadeiras, a autora menciona um exemplo claro dessa situação, quando afirma que “uma boneca permite à criança várias formas de brincadeiras, desde a manipulação até a realização de brincadeiras como ‘mamãe e filhinha’” (KISHIMOTO, 2011b, p.20).

Os brinquedos ao contrário dos jogos de construção que exigem regras e habilidades pré-definidas, estimulam a representação, a imaginação e reproduzem a realidade. “pode-se

dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais para que possa manipulá-los” (KISHIMOTO, 2011b, p.21).

Com relação ao termo brincadeira, Wajskop (2012), ao defini-la, recorre à concepção socioantropológica, que entende a brincadeira como um fato social, espaço de interação e de construção do sujeito-criança como sujeito humano, produto e produtor de história e cultura. Portanto, de acordo com a concepção socioantropológica a brincadeira é uma atividade social, humana, que pressupõe contextos sociais e culturais, a partir dos quais a criança pode recriar a realidade utilizando sistemas simbólicos próprios.

No que diz respeito a análise etimológica da palavra brincadeira recorremos a Friedman (2006, p. 42), para quem “brincadeira é o ato ou efeito de brincar. Etimologicamente, “brincando + eira”: significa divertimento, passatempo, distração”. Para a autora “para a criança, o brincar implica muito mais do que o simples ato em si. Brincando ela expressa e comunica com o mundo” (p.20).

Verificamos, portanto, que tanto na concepção de Wajskop (2012, p.34) quanto na concepção de Friedman (2006, p.20) a brincadeira é um meio para a criança pensar, atribuir valores, sonhar, representar a realidade e papéis livremente. Na brincadeira a criança vive o mundo a sua maneira.

Nessa perspectiva, cada jogo, cada brincadeira, tem suas regras, mas a maneira de interpretar criar e recriar é própria de cada criança, podendo mudar de acordo com o contexto no qual a criança esta inserida.

Sendo assim, a forma como o lúdico foi concebido ao longo da história até os dias atuais passou por inúmeras mudanças, pois a forma como se concebe o lúdico na infância esta associada à concepção de criança que se tem em cada momento histórico.

1.2 Os elementos lúdicos no contexto educacional

Atualmente a importância do brincar no desenvolvimento da criança tem sido demonstrada pelo crescente número de pesquisas envolvendo essa temática na área da educação, e em tantas outras áreas como a psicologia a sociologia, entre outras. Essas pesquisas de modo geral, tem demonstrado preocupação com a forma como o brincar é concebido em âmbito educativo, pois consideram o brincar como uma linguagem essencial ao desenvolvimento da criança. Nessa perspectiva, o brincar é visto então, como elemento que

contribui para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da autonomia da criança e que, portanto, deve ser valorizado como instrumento que possibilita às crianças a aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens.

No entanto, a preocupação com brincar se faz presente desde a Idade Antiga, como mostra Wajskop (2012, p. 25), “desde os primórdios da educação greco-romana, com base nas ideias de Platão e Aristóteles, utilizava-se o brinquedo na educação. Associando a ideia de estudo ao prazer, Platão sugeria ser, o primeiro, ele mesmo, uma forma de brincar”.

Na Idade Antiga, o brincar se fazia presente na educação das crianças através do uso de dados, doces e guloseimas que tinham formatos de letras e números. Nesse período a preocupação estava centrada na educação sensorial. Para Almeida e Casarin (2002), nesse momento as crianças e os adultos participavam das mesmas brincadeiras com a finalidade de estreitar os laços afetivos.

Porém, é somente com a ruptura do pensamento romântico que a brincadeira passa a ser valorizada como um elemento educativo, ganhando espaço na educação das crianças pequenas. Anteriormente, a brincadeira era vista como fuga ou recreação e não era permitido à criança ter um comportamento infantil e espontâneo (WAJSKOP, 2012).

A valorização do brincar na educação infantil ocorreu a partir dos séculos XVI e XVII, em consequência do surgimento de uma nova imagem da criança. Conforme Wajskop (1995), os trabalhos de Comenius (1593), Rosseau (1712) e Pestalozzi (1746), contribuíram para um novo sentimento de infância. Essa valorização do brincar baseava-se em uma concepção idealista e protetora da criança e aparecia em propostas educativas dos sentidos da criança, fazendo uso de brinquedos, e pautadas na recreação, bem como nos mostrou Wajskop. É nesse momento também que surgem métodos específicos para a educação infantil e as crianças passam gradativamente a ocupar um lugar enquanto categoria social.

Ainda para a autora, os pedagogos, Friedrich Fröbel (1782-1852), Maria Montessori (1870-1909) e Ovide Décroly (1871-1932), influenciados por filosofias e pensamentos de suas épocas, desenvolveram cada um a seu modo, pesquisas sobre crianças pequenas, atribuindo à educação grande contribuição. Estes pedagogos foram os primeiros a romper com a educação verbal e tradicionalista da época, propondo uma educação pautada na utilização de jogos e materiais didáticos, acreditando em uma educação natural dos instintos infantis.

Foram grandes as contribuições desses autores para com a superação da visão tradicionalista da educação, e para o reconhecimento da criança enquanto categoria social que

precisa ser respeitada e compreendida. Fröbel por exemplo, inaugurou uma educação institucional baseada no brincar, “acreditou na criança, enalteceu sua perfeição, valorizou sua liberdade e desejou a expressão da natureza infantil por meio de brincadeiras livres e espontâneas” (KISHIMOTO, 2012, p.57).

No âmbito educacional, a concepção de educação infantil que vem sendo construída historicamente tem reiterado as ideias propostas pelos teóricos do final do século XIX e início do século XX, isto é, a inserção da criança nas brincadeiras, nos materiais pedagógicos e nos “treinos” de habilidades e funções específicas (WAJSKOP, 2012).

A partir da década de 20 a Escola Nova ganha força no Brasil, e com isso os jogos passam a ser fortemente utilizados na educação como meio de ensino. Visto que, a Escola Nova reiterou a concepção de criança lúdica proposta por Fröbel.

Conforme Amaral (1998), para Dewey principal discípulo da Escola Nova, grande parte da vida da criança é gasta brincando, tanto com jogos que aprendem com crianças mais velhas, quanto com brincadeiras que elas mesmas inventam. As crianças pequenas gostam de brincar das mais variadas brincadeiras e, Dewey atribui o prazer obtido nas brincadeiras à necessidade da criança em imitar a vida dos pais e dos adultos. Segundo a autora, para Dewey,

o valor educacional dessas brincadeiras torna se óbvio, na medida em que eles ensinam às crianças a respeito do mundo em que vivem. ”brincando” – declara Dewey – “elas observam mais atentamente e deste modo fixam na memória e em hábitos muito mais do que se elas simplesmente vivessem indiferentemente todo o colorido da vida ao redor (...)” (AMARAL, 1998, p.99).

Verificamos, que na concepção de Dewey a brincadeira apresenta um valor educacional muito grande, visto que ensinam a criança sobre o mundo em que vive. O autor enfatiza que por meio da brincadeira a criança aprende mais facilmente alguns conteúdos, pois nos momentos destinados a brincadeiras a atenção da criança é aumentada.

A partir da década de 60 e 70, a infância passa a ser considerada como momento principal do desenvolvimento. Nesse sentido, retomamos a fala de Almeida e Casarin, quando afirmam que “a partir das décadas de 60 e 70, a psicologia do desenvolvimento e da psicanálise contribuíram para que se visse a infância como o período principal do desenvolvimento humano, enfatizando o papel da brincadeira na educação infantil” (ALMEIDA e CASARIN, 1995, p.3).

Atualmente a criança é vista dentro de uma concepção sócio-histórica, no qual interage a todo o momento com os adultos e com o meio que esta inserida. Nesse sentido é

importante ressaltarmos que a forma como concebemos a criança hoje é resultado das transformações ocorridas ao longo da história, portanto, a infância é uma construção histórica e social. Na sociedade atual a criança é vista como um ser que aprende e se desenvolve por meio da interação sociais que estabelece. Partindo desse pressuposto, faz-se necessário entendermos o que é interação.

Para Antunes (2012), interação é toda intervenção intencional e voltada à aprendizagem. Conforme o autor, interagir “é ação que o adulto exerce em relação a outro e que o ajuda a consolidar suas aprendizagens a partir da experiência” (ANTUNES, 2012, p.19). No entanto, o referido autor faz uma ressalva, nem sempre a interação envolve um adulto e uma criança. Pois, as crianças aprendem tanto com os adultos quanto com outras crianças, mas dificilmente sem uma interação.

Por meio da interação as crianças consolidam suas experiências e constroem significados. E, nesse contexto, os jogos e brincadeiras são elementos que proporcionam a interação, pois envolve pessoas. Antunes (2012), afirma que jogos e brincadeiras não são as únicas formas de ensinar as crianças, mas são sem dúvida modos seguros, inteligentes e intencionais de se ensinar bem.

No entanto, para que os jogos e as brincadeiras cumpram o objetivo de favorecer a interação e conseqüentemente as aprendizagens significativas, é necessário que o professor os selecionem com critério e cuidado para que assim desenvolva uma atividade educativa, alegrando, mas também ensinando as crianças.

Assim, é necessário que jogos e brincadeiras não se tornem meros elementos lúdico sendo utilizados sem nenhuma reflexão, mas sim que contribuam significativamente para o desenvolvimento da criança, constituindo-se assim, em poderosos instrumentos de aprendizagens.

Vigotsky (2007), afirma que o brincar contribui significativamente para o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo da criança. No entanto, de acordo com o autor a brincadeira não é considerada uma atividade predominante na idade pré-escolar, mas em certo sentido, é a linha principal do desenvolvimento na idade pré-escolar.

Dessa forma, o brincar se constitui então, em um “espaço” no qual as crianças podem representar a vida, podendo inclusive modificá-la. Em brincadeiras de faz de conta, por exemplo, as crianças por meio da imaginação podem utilizar um objeto para representar outro, uma pessoa para representar um personagem. “Quando utilizam a linguagem do faz-de-conta,

as crianças enriquecem sua identidade, porque podem experimentar outras formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens” (BRASIL, 1998, v. 2).

Segundo Vigotsky (2007), a criança satisfaz certas necessidades no brinquedo, no entanto essas necessidades variam de acordo com a idade da criança. Assim, o que é de grande interesse para um bebê pode não ser para uma criança um pouco maior.

O referido autor mostra que a tendência de uma criança muito pequena é satisfazer seus desejos imediatamente, o intervalo entre um desejo e sua satisfação é muito curto. Desse modo, não vemos uma criança com menos de três anos querendo fazer algo no futuro. Contudo, no período pré-escolar a criança passa a apresentar desejos impossíveis de serem realizados imediatamente. E, o fato desses desejos não realizáveis de imediato aparecer nessa fase escolar é o que explica a existência dos brinquedos, pois estes parecem ser inventados exatamente no momento em que as crianças começam a experimentar desejos e tendências irrealizáveis.

Na perspectiva Vigotskyana, a criança do período pré-escolar para satisfazer os desejos que não podem ser realizados imediatamente se envolve em um mundo ilusório e imaginário, onde esses desejos podem ser realizados, e, esse é o mundo que chamamos de brinquedo. No brinquedo a criança cria uma situação imaginária. Conforme afirma Vigotsky,

é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança(...). É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, em vez de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos (VIGOTSKY, 2007, p. 113).

Para o autor, o que difere o brincar de outras atividades da criança é o fato de que no brinquedo a criança é envolvida em uma situação imaginária. O brinquedo é a primeira possibilidade de ação que a criança tem num campo cognitivo, que lhe permite ir além da dimensão motora do comportamento.

Nesse âmbito, é sabido que as crianças se desenvolvem por meio das experiências sociais, das interações que estabelecem com o meio a sua volta e com os adultos. Nessa perspectiva, as brincadeiras se constituem em atividades sociais que possibilitam as crianças vivenciar, criar, recriar e assimilar o conhecimento e as experiências socioculturais dos adultos. Assim, as brincadeiras são essenciais no desenvolvimento, na construção de conhecimentos e na apropriação do conhecimento historicamente construído, pela criança.

Desse modo, na educação infantil jogos e brincadeiras devem ser trabalhados de forma associada, tanto em momentos de recreação quanto em momentos em sala de aula. Nessa etapa educativa a preocupação deve estar em oferecer as crianças situações que propiciem a construção do conhecimento através de experiências significativas. Deve-se utilizar, portanto, recursos que enriqueçam a prática pedagógica e estimulem a curiosidade das crianças, dentro de uma visão lúdica.

O brincar não pode ser visto apenas como recreação, passatempo ou divertimento. O brincar precisa sim ser visto como um instrumento indispensável ao desenvolvimento infantil que auxilia na construção de conhecimentos e no processo de aprendizagem. Todavia, para entendermos como se configura o lúdico na educação infantil, é necessário recorrermos aos documentos e as políticas que abordam o brincar na infância como veremos na sequência.

2. O lúdico nos documentos legislativos

Para uma melhor compreensão da forma como o brincar é abordado atualmente, é necessário recorrermos aos documentos legislativos brasileiros elaborados pelo ministério da educação, pois são estes documentos que direcionam e norteiam as práticas pedagógicas na educação. Desse modo, verificar o direcionamento dado por esses documentos ao brincar na educação infantil é indispensável para entendermos como o brincar se configura na prática em âmbito educativo.

Partindo dessa perspectiva, faz-se necessário primeiro destacarmos o objetivo da educação infantil definido e proposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº. 9394/96. De acordo com a referida lei,

a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

Para dar conta do objetivo proposto pela LDB, no que se refere à educação infantil, o Ministério da Educação elaborou diversos documentos que trazem orientações para que este objetivo se efetive, entre esses documentos destacaremos: A Declaração dos direitos da criança proclamada em 20 de novembro de 1959; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) elaborado em 1990; a Política Nacional de Educação Infantil: pelos direitos das

crianças de zero a seis anos à Educação (PNEI) produzida em 2006; e por fim, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) elaborado em 1998. Esses documentos merecem destaque nesse estudo, pois trazem o brincar como elemento indispensável para o desenvolvimento da criança, assegurando a estas o direito ao brincar.

Dessa forma, tais documentos orientam como deve acontecer o brincar nas instituições educativas, e a postura do professor como mediador do processo educativo pautado na ludicidade para que contribua para com o desenvolvimento pleno da criança.

A Declaração dos direitos da criança (BRASIL, 1959), ao tratar do brincar, apresenta este como um direito de toda criança, trazendo no princípio 7º que “a criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito”. Verificamos então que este é um direito de todas as crianças que deve ser garantido pelos órgãos públicos e pela sociedade.

Outro documento que confere grande importância ao brincar para o desenvolvimento da criança pequena em ambiente escolar é o RCNEI (BRASIL, 1998) que compreende um conjunto de referências e traz orientações pedagógicas visando contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade para que as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças possam ser promovidas e ampliadas.

O referido documento traz que “brincar é uma das principais atividades que contribuem para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança” (BRASIL, 1998, vol. 2). Conforme o documento, os gestos, sons são meios que a criança têm para se comunicar e mais tarde representar determinado papel na brincadeira, desenvolvendo sua imaginação. Por meio das brincadeiras as crianças podem desenvolver capacidades importantes, tais como: atenção, memória, imaginação, imitação, amadurecendo também capacidades como socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Nesse contexto, de acordo com o documento supracitado nas brincadeiras as crianças vivenciam concretamente a elaboração e negociação de regras de convivência, assim como a elaboração de um sistema de representações dos diversos sentimentos, das emoções e das construções humanas.

No entanto, o documento nos alerta para o fato de que para que as crianças exerçam sua capacidade de criação é necessário que lhes sejam oferecidas ricas e diversas experiências

nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta.

Verifica-se então, que as crianças precisam vivenciar atividades diversificadas para que se tornem criativas, pois é esse contexto que aguça a curiosidade das crianças. Quando brincam as crianças atribuem aos elementos significados diferentes do que estes realmente parecem ter. No brincar as crianças recriam e repensam as experiências já vivenciadas, pois as brincadeiras permitem as crianças transformar os conhecimentos que já possuem.

Conforme propõe o Referencial Curricular, nas instituições de educação infantil o professor é o responsável por estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças, oferecendo determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, sendo responsável também pela delimitação e arranjo dos espaços e do tempo destinado ao brincar (BRASIL, 1998, v.1).

Outro ponto importante abordado no referido documento é a responsabilidade do professor no desenvolvimento das atividades baseadas em elementos lúdicos, visto que o trabalho pautado na ludicidade proporciona ao professor obter uma visão rica dos processos de desenvolvimento da criança. Assim, de acordo com o documento em questão, cabe ao professor pensar e organizar situações que proporcionem brincadeiras diversificadas, no qual as crianças possam escolher os temas, papéis, objetos e companheiros para brincar, pois assim elaborarão de forma particular e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. Pois, ao brincar as crianças

tornam-se autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata (BRASIL, 1988,v.2, p.23).

Outro documento que traz o lúdico como elemento indispensável no desenvolvimento infantil é o Estatuto da Criança e do adolescente elaborado em 1990 que,

representa um grande avanço da legislação brasileira iniciado com a promulgação da Constituição de 1988. Fruto da luta da sociedade, o ECA veio garantir a todas as crianças e adolescentes o tratamento com atenção, proteção e cuidados especiais para se desenvolverem e se tornarem adultos conscientes e participativos do processo inclusivo (BRASIL, 1990, p. 7).

O referido documento, traz no artigo 16 que toda criança tem direito a liberdade, que compreende vários aspectos, entretanto nesse estudo destacaremos apenas o aspecto

contemplado no inciso IV desde mesmo artigo, que compreende “o direito comum a toda criança de brincar, praticar esportes e divertir-se”.

O ECA deixa claro que um dos elementos que favorecem o desenvolvimento da criança é o brincar, sendo assim as intuições de educação infantil precisam priorizar práticas educativas pautadas na ludicidade, pois estas contribuem significativamente para o desenvolvimento pleno da criança.

A Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 2006) traz as diretrizes, objetivos, metas e estratégias para a educação. Nessa perspectiva, esse documento reafirma o compromisso do setor educacional para com as crianças de 0 a 6 anos ao trazer que “a educação e o cuidado das crianças de 0 a 6 anos são de responsabilidade do setor educacional” (p.17). Considerando a responsabilidade do setor educacional para com a educação infantil o referido documento afirma que “o processo pedagógico deve considerar as crianças em sua totalidade, observando suas especificidades, as diferenças entre elas e sua forma privilegiada de conhecer o mundo por meio do brincar” (p.17).

Nessa perspectiva de acordo com a PNEI, nessa etapa educativa as crianças necessitam serem atendidas em suas especificidades, considerando as diferenças entre si, visto que pertencem a contextos sociais distintos, e que, portanto possuem experiências e vivências únicas.

Ao abordarmos esses documentos, verificamos que estes contemplam o brincar como forma indispensável ao desenvolvimento infantil, garantindo as crianças o direito ao brincar. Contudo, esses documentos trazem também orientações para os professores e todos os envolvidos com a educação infantil sobre como desenvolver um trabalho de qualidade pautado na ludicidade.

Por meio desses documentos constata-se, que todos manifestam preocupação em desenvolver uma educação de qualidade que contemplem a crianças em todos os aspectos, compreendendo o brincar como elemento essencial na promoção do ensino e da aprendizagem. Partindo desse pressuposto, no item a seguir verificaremos se na prática o brincar é entendido da mesma forma, assim como o direcionamento dado pelo professor ao brincar , pois estes aspectos influenciam diretamente no espaço destinado ao brincar e na qualidade das ações e da prática pedagógica do professor.

3. O espaço destinado ao brincar nas instituições educativas

Autores da área da educação como Wajskop (2012), Friedman (2006), Kishimoto (2010) entre outros, vem demonstrando por meio de pesquisas, que embora o brincar nas últimas décadas vem sendo considerado nos documentos legislativos como instrumento necessário ao desenvolvimento da criança, na prática não vem acontecendo desse modo.

Essas autoras demonstram em suas pesquisas que na educação infantil os momentos destinados ao brincar e ao aprender são posto como distintos. A brincadeira não é vista como instrumento que possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Além disso, segundo as autoras a educação infantil vem assumindo um caráter de “escolarização”, o que faz com que as brincadeiras não ocupem um lugar de destaque nos espaços educativos.

Nesse âmbito, verificamos que os momentos destinados ao brincar nas instituições de educação infantil são raríssimos, e os poucos existentes são destinados há preencher algum tempo vago entre uma atividade e outra ou simplesmente considerados como recreação ou descarga de energia. O brincar não é visto como um instrumento educativo que pode ensinar a criança, proporcionando-lhes aprendizagens e experiências significativas.

Para Wajskop (1995, p.64) ,

podemos observar, mais recentemente, uma tendência das pré-escolas brasileiras a utilizar, materiais didáticos, brinquedos pedagógicos, e métodos lúdicos de alfabetização, cujos fins encontram-se no próprio material, dessa forma descontextualizando seu uso dos processos cognitivos e históricos experimentados pelas crianças .

Dessa forma, segundo a autora grande parte das escolas tem didatizado à atividade lúdica das crianças, reduzindo-as a exercícios repetidos de discriminação visomotora e auditiva por meio do uso de brinquedos, desenhos coloridos e mimeografados e músicas ritmadas. Esse contexto nos mostra uma distorção dos objetivos das atividades pautadas na ludicidade na educação infantil.

As instituições de educação infantil tem se preocupado em preparar as crianças para as séries iniciais do ensino Fundamental, esquecendo-se do real objetivo da educação infantil que é o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social como propõe a LDB nº 9394/96.

Verificamos nas instituições de educação infantil que o brincar é relegado a segundo plano, isto é, o brincar muitas vezes é desvalorizado em relação a outras atividades postas como mais “produtivas”. Conforme Porto (2008), a brincadeira passa então a ocupar o tempo

da espera, o momento do intervalo. No entanto, a referida autora nos alerta para o fato que valorizar a brincadeira não é somente permiti-la, é suscitá-la.

Nesse contexto, o tempo destinado ao brincar na educação infantil vem se tornando cada vez mais escasso. As instituições educativas têm priorizado atividades consideradas mais “importantes e produtivas” em detrimento das atividades lúdicas. Para Friedman, “hoje, apesar de sua importância na vida social, e no desenvolvimento infantil, a brincadeira já não têm espaço na escola, cuja maior preocupação é “preparar” a criança para o processo de alfabetização e desenvolver suas habilidades cognitivas (FRIEDMAN, 2006, p.81).

Em grande parte das instituições de educação infantil, as atividades aplicadas às crianças se resumem a atividades “prontas”, sem significações, o mesmo ocorre com as brincadeiras, no qual as crianças recebem regras prontas, de brincadeiras que simplesmente lhes são impostas. Portanto, “não é permitido à criança brincar!” Como bem afirma Dantas (2012, p.112), “os ‘convites’ para participar de uma ‘brincadeira’ são freqüentemente convocações que não prevêm a recusa”.

Para Porto (2008), no âmbito educacional, a preocupação com o lúdico se manifesta apenas pela quantidade de brinquedos disponíveis, sem considerar os significados que esses objetos carregam. Não há preocupação com as especificidades e a importância dos brinquedos e das brincadeiras. Os brinquedos simplesmente são colocados à disposição das crianças sem nenhuma reflexão do valor educativo que possuem. Acredita-se, que o simples fato de colocar a disposição das crianças brinquedos, torna-as mais imaginativas e criativas.

É necessário, pois, que haja uma compreensão das possibilidades que os brinquedos e as brincadeiras proporcionam ao ensino-aprendizagem. Assim,

uma proposta lúdica no contexto escolar deve considerar os significados inscritos nos brinquedos e como estes objetos podem chegar às mãos das crianças de modo a proporcionar as mais diversas experiências. O brinquedo recheia de conteúdos as brincadeiras das crianças e as relações delas com os adultos. A brincadeira permite decidir, pensar, sentir emoções distintas, competir, cooperar, construir, experimentar, descobrir, aceitar limites, surpreender-se... (PORTO 2008, p.31).

Portanto, possibilitar a brincadeira na educação infantil não significa simplesmente deixar as crianças brincarem, é necessário que o professor esteja a todo o momento mediando o ato de brincar da criança, pois é isso que garantira a aprendizagem e o desenvolvimento da criança em momentos lúdicos. É preciso que o professor tenha consciência da importância da mediação intencional para que a criança aproveite o máximo os momentos destinados ao brincar no contexto educacional.

Desse modo, as brincadeiras e os jogos precisam deixar de serem utilizados apenas quando alguma atividade chega ao fim, ou entremeando uma atividade e outra. Assim, os momentos destinados aos jogos e brincadeiras precisam ser pensados e planejados, e, portanto visto como instrumentos de ensino aprendizagem. A esse respeito reiteramos o que afirma Friedman (2006, p.22):

Na escola, é possível planejar os espaços de brincar. Na sala de aula, o espaço de trabalho pode ser transformado em espaço de jogo, podem ser desenvolvidas atividades com o uso de mesas, cadeiras, divisórias etc. fora da sala, sobretudo no pátio, a brincadeira “corre solta”, e a atividade física predomina. Portanto, o espaço e o tempo definem as características de cada brincadeira.

O ato de brincar deve ser assumido de maneira intencional tanto pelo professor quanto pela escola. Nesse sentido, é preciso considerar a importância da organização do contexto escolar, da estrutura física e dos materiais disponíveis para que o brincar aconteça, pois estes aspectos influenciam diretamente o ato de brincar, visto que a criança aprende por meio de estímulos e de possibilidades que lhe são oferecidas. “A arquitetura da escola é o cenário onde se desenvolve o conjunto das relações pedagógicas, um item que amplia ou limita as possibilidades de um ambiente educativo” (KISHIMOTO, 2001, p. 243).

Conforme demonstramos nessa discussão, o momento destinado ao brincar na educação infantil tem sido ocupado por atividades consideradas mais “educativas/produzidas”, no que diz respeito às aprendizagens. Desse modo, as brincadeiras são consideradas apenas como forma de recreação, ocupando o momento do recreio e o término de alguma atividade, há inclusive professores que consideram as brincadeiras um meio para gastar energia.

Esse contexto nos mostra a pouca importância atribuída ao ato de brincar no ambiente da educação infantil. Sendo assim, percebemos que grande parte das instituições de educação infantil e uma parcela significativa de professores não tem consciência das possibilidades educativas que o brincar proporciona a educação das crianças pequenas. Sendo assim, faz-se necessário que as formações tanto inicial quando continuada contemplem o brincar, pois é a partir de vivências e experiências pautadas em brincadeiras que o professor compreende a importância do brincar como elemento necessário para ao desenvolvimento da criança e que, portanto se constitui em recurso que enriquece a prática pedagógica.

4. A ação pedagógica e as possibilidades do trabalho desenvolvido numa perspectiva lúdica

O trabalho pedagógico desenvolvido com jogos, brinquedos e brincadeiras, é um meio para a construção e desenvolvimento do conhecimento da criança na fase pré-escolar. “A infância é a idade das brincadeiras. Por meio delas as crianças satisfazem grande parte de seus desejos e interesses particulares” (CÓRIA-SABINE E LUCENA, 2004, p.27).

A criança no período pré-escolar é extremamente curiosa e investigativa, e os elementos lúdicos nessa etapa contribuem significativamente para que as crianças satisfaçam e agucem suas curiosidades. Essa atitude de investigação e curiosidade da criança deve ocupar um espaço central nas instituições de educação infantil, se constituindo no centro de exploração do professor. Cória-Sabine e Lucena (2004), ao discutir o papel do professor em atividades que incluam jogos e brincadeiras trazem que,

nas situações de jogos e brincadeiras, o professor deve propor às crianças perguntas que agucem sua curiosidade. Seu papel será o de orientar a criança a descobrir todas as possibilidades oferecidas pelos jogos, de pensar juntos, porém respeitando o momento de aprendizagem dos alunos (p.42).

Sendo assim, os jogos, as brincadeiras e os brinquedos enquanto instrumentos que possibilitam a aprendizagem só contribuirão significativamente para o desenvolvimento da criança se o professor tiver consciência da importância e das possibilidades de trabalho que esses elementos oferecem.

Partindo desse pressuposto, o professor ao se constituir no principal responsável pela organização de situações que favoreçam a aprendizagem deve conhecer e considerar o valor e a importância dos elementos lúdicos para o desenvolvimento da criança. Dessa forma, compete ao professor oferecer as crianças um espaço favorável à aprendizagem, incluindo atividades diversificadas que contemple jogos, brinquedos e brincadeiras e atividades orientadas de forma a tornar o aprendizado da criança prazeroso e significativo.

Conforme propõe o RCNEI,

na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil (BRASIL, 1998, v. 1, p. 23).

Ainda segundo o documento acima citado, para que as crianças exerçam sua capacidade de criação é necessário que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. O documento ainda faz menção ao papel do professor nos momentos de brincadeiras, enfatizando que,

é o adulto, na figura do professor (...) que, na instituição infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar (BRASIL, 1998, p.28)

Sendo o professor o mediador na construção do conhecimento e dada a sua importância nos momentos lúdicos, faz-se necessário que receba uma formação que o capacite para trabalhar ludicamente, como bem mostra Andrade (2008), que defende o direito dos professores a uma formação lúdica acerca do lúdico. Para a autora, os professores necessitam

de uma formação que lhe permita experimentar, descobrir, conhecer as possibilidades para si próprio, na perspectiva de que esta seja uma experiência transformadora, que contribua para a construção de outra concepção do lúdico e para uma intervenção de melhor qualidade juntos aos seus alunos, independente da idade que eles tenham (ANDRADE, 2008, p.60).

Essa formação defendida e proposta pela autora busca “aproximar” o brincar do cotidiano infantil no âmbito educativo. Pois, atualmente nas instituições de educação infantil, ainda permanece entre os professores uma representação naturalista do brincar que tem permeado propostas e currículos para a pré-escola conforme demonstra Gisela Wajskop (2012) em sua obra intitulada “Brincar na Educação Infantil”, no qual a autora pesquisou uma pré-escola pública do centro da cidade de São Paulo. Para a autora o brincar muitas vezes ainda é visto como recreação ou descarga de energia para melhor concentração em atividades desenvolvidas em sala.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), os professores precisam organizar situações que favoreçam o desenvolvimento de brincadeiras diversificadas propiciando às crianças a possibilidade de escolherem temas, papéis, objetos e companheiros para brincar ou os jogos de regras e de construção, para poderem elaborar de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais.

A utilização de jogos, brincadeiras e brinquedos em situações diversificadas se constitui em um meio valioso para professores analisar e avaliar aprendizagens, competências e potencialidades das crianças em âmbito educativo. Contudo, para que estes elementos se tornem recursos auxiliares à ação pedagógica é necessário que façam parte do planejamento.

Na perspectiva Histórico-Cultural jogos, brinquedos e brincadeiras são recursos que facilita a mediação do educador para aguçar a imaginação e o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, no período pré-escolar jogos, brinquedos e brincadeiras são elementos necessários ao desenvolvimento da criança como bem afirma Vigotsky (2007, p.122),

o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. (...) o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte do desenvolvimento.

Nas situações do brincar as crianças podem se colocar desafios e questões além de seu comportamento diário, podem inclusive levantar hipóteses para compreender problemas que lhes são colocados. Brincando as crianças podem desenvolver a imaginação e ao mesmo tempo construir relações com outras crianças elaborando regras de organização e convivência (WAJSKOP, 2012).

A brincadeira possibilita as crianças interagir entre si, e entrar em contato com diferentes pontos de vista. Segundo Friedman (2006), nas situações do brincar a criança se expressa e comunica com o mundo. Ainda segundo a autora, o brincar é um meio para que o adulto compreenda como se dá o desenvolvimento da criança.

Por meio da brincadeira as crianças sozinhas ou em grupos buscam compreender o mundo que as cercam, assim como relações e ações humanas. Vigotsky (2007), afirma que no brinquedo a criança satisfaz certas necessidades. Segundo o autor as maiores aquisições de uma criança são obtidas no brinquedo.

Esse contexto nos mostra a necessidade tanto por parte das instituições quanto por parte dos professores em resgatar o trabalho com jogos brinquedos e brincadeiras na educação infantil. Nesse sentido retomamos o que afirmam Cória-Sabini e Lucena sobre o papel do professor. Para as autoras,

em situação escolar, o professor deve ter presente que, nas brincadeiras, as crianças criam e estabilizam aquilo que conhecem sobre o mundo. Porém, essas situações não podem ser confundidas com aquelas em que o brincar ou os jogos estão ligados

intencionalmente a atividades de aprendizagem de conceitos, pois aí é o professor que direciona as ações no sentido de ensinar os conteúdos exigidos pela escola (CÓRIA-SABINI; LUCENA, 2004, p.45).

O brincar tem um papel essencial no desenvolvimento da criança. Como mostra Kishimoto (2012, p.151), é por meio da brincadeira que “a criança aprende a se movimentar, falar e desenvolver estratégias para solucionar problemas”. Dessa forma segundo Porto (2008), a brincadeira é uma forma privilegiada de aprendizagem. Conforme vão crescendo as crianças introduzem em suas brincadeiras o que veem, escutam, observam e experimentam.

Nos momentos do brincar as crianças tem a possibilidade de combinar diversos conhecimentos a que tiveram acesso, expressando por meio dessas combinações suas descobertas e visões de mundo. “Na brincadeira, a criança se apropria dos conteúdos disponíveis, tornando-os seus, através de uma construção específica” (PORTO, 2008, p.37).

As brincadeiras se constituem em um espaço no qual as crianças tem a possibilidade de construir sua identidade de forma autônoma e criativa. Para Wajskop (2012, p.34), se “organizada em torno da brincadeira infantil, a pré-escola poderia cumprir sua função pedagógica, ampliando o repertório vivencial e de conhecimentos das crianças, rumo à autonomia e a cooperação”.

Partindo desse pressuposto as instituições de educação infantil, precisam compreender a brincadeira em sua especificidade, contudo como nos mostra Porto (2008, p.29) “não se trata de tornar pedagógica toda e qualquer brincadeira, mas sim de compreender sua especificidade e importância”.

Assim, o professor precisa receber uma formação tanto inicial quanto continuada mais abrangente. Nesse sentido enfatizamos a necessidade do professor receber uma formação lúdica que o capacite para ser o mediador das brincadeiras e dos jogos, sendo capaz de intervir quando necessário. Pois, é necessário que o professor tenha consciência da importância do brincar no desenvolvimento da criança e das possibilidades educativas que o brincar proporcionam, sendo capaz de despertar na criança a curiosidade e gosto pelo conhecimento. A esse respeito Friedman (2006, p.20), enfatiza que,

é fundamental tomar consciência de que a atividade lúdica fornece informações elementares a respeito da criança: suas emoções, a maneira como interaja com seus colegas, seu desempenho físico-motor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico, sua formação moral .

São as vivências lúdicas do professor e o conhecimento da importância das mesmas que determinarão se o professor trabalhou de forma lúdica e prazerosa com a criança ou não. A vivência de atividades lúdicas permite ao professor compreender a importância do jogo, do brinquedo e da brincadeira.

Sendo assim, o brincar deve ser incluído no planejamento, sendo reconhecido e valorizado como atividade que contribui significativamente para o desenvolvimento da criança. Desse modo, o brincar deve estar presente tanto no espaço da sala de aula quanto no pátio. Nesse sentido, Friedman (2006, p.21) afirma que “o brincar pode e deve não só fazer parte das atividades curriculares, sobretudo na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, como também ter um tempo preestabelecido durante o planejamento em sala de aula”.

Nesse contexto, destacamos também que é necessário que os professores compreendam que o jogo e a brincadeira não é um processo natural da criança, pois “as crianças não nascem sabendo brincar e jogar, elas aprendem a jogar e a brincar!” Sendo assim, jogos e brincadeiras são produtos culturais, que se potencializados tanto pela escola quanto pelo professor constituem-se elementos importantes no processo de desenvolvimento da criança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos nesse trabalho demonstrar as influências dos elementos lúdicos no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança da educação infantil, elencando as possibilidades pedagógicas do trabalho desenvolvido em uma perspectiva lúdica. Para tanto, abordamos nesse estudo o conceito de jogo, brinquedo e brincadeira; o brincar no contexto educacional ao longo da história; a forma como o brincar é concebido nos documentos legislativos; o espaço ocupado pelo brincar no âmbito educativo e ação pedagógica e as possibilidades do trabalho desenvolvido numa perspectiva lúdica.

O estudo demonstrou que a forma como concebemos o brincar está relacionada à concepção de criança que temos. Partindo desse pressuposto, verificamos que ao longo da história a infância passou por diferentes concepções, o mesmo ocorreu com o brincar que acompanhou o mesmo percurso. Assim, entendemos tanto a infância quanto o brincar como uma construção histórica e social.

Conforme a concepção de criança adotada nesse trabalho, verificou-se que atualmente a criança é vista dentro de uma concepção sócio-histórica, como um ser que aprende e se desenvolve a partir das interações sociais que estabelece com o meio no qual está inserida. O brincar nessa concepção tem grande importância, pois contribui para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança, pois, por meio das brincadeiras as crianças tem a possibilidade de vivenciar, criar e recriar experiências e conhecimentos.

Contudo, as reflexões, análises e discussões realizadas no decorrer do trabalho revelaram que embora os documentos que direcionam e norteiam as práticas pedagógicas na educação infantil asseguram o direito da criança ao brincar, conferindo a este grande importância no desenvolvimento e aprendizagem da criança, na prática não vem ocorrendo da mesma forma. Grande parte das intuições de educação infantil e dos professores não tem consciência da importância e das possibilidades educativas do trabalho pautado na ludicidade, utilizando o brincar apenas como recreação, descarga de energia, ou entremeando uma atividade e outra. Desse modo, no ambiente educativo, o brincar e aprender são considerados momentos distintos, considera-se que o aprender deve acontecer na sala enquanto que o brincar deve ocorrer no pátio.

Além disso, percebeu-se que as instituições de educação infantil têm priorizado atividades consideradas mais “produtivas” em relação ao brincar, pois estão preocupadas em preparar a criança para séries iniciais do ensino fundamental, preocupando-se em desenvolver apenas o seu aspecto cognitivo, quando deveriam estar preocupadas com o desenvolvimento pleno da criança. Sendo assim, é possível afirmar que o momento destinado ao brincar nas instituições de educação infantil é raro, e além de raro para a maioria dos professores e das instituições educativas não é visto como possibilidade pedagógica.

Com base nessas considerações, o estudo evidenciou a necessidade dos professores receberem uma formação tanto inicial quanto continuada mais ampla, que os capacite para trabalhar ludicamente, sendo o mediador das brincadeiras e sendo capaz de intervir quando necessário.

Nesse âmbito, as formações proporcionadas aos professores precisam contemplar atividades lúdicas, pois é a partir de vivências lúdicas que o professor adquire consciência sobre a importância dessas atividades para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, em especial do período pré-escolar.

Concluimos, portanto, que no ambiente educativo o professor se configura no principal responsável por organizar e oferecer às crianças situações que propiciem a construção do conhecimento por meio de experiências significativas. Nesse âmbito, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras devem ser utilizados como recursos para enriquecer a prática pedagógica, contudo precisam ser considerados em suas especificidades, e a todo o momento mediados pelo professor, pois é isso que garantirá o desenvolvimento e a aprendizagem da criança em momentos lúdicos. Sendo assim, os momentos destinados ao brincar precisam ser planejados, para não serem utilizados apenas ao final de uma atividade, como recreação, ou meio para gastar energia sendo utilizado com fim em si mesmo.

Esse contexto mostrou a necessidade de um resgate do trabalho pautado em jogos, brinquedos e brincadeiras na educação infantil. Partindo dessa perspectiva, acreditamos que o brincar não é um processo natural da criança, e não sendo natural cabe ao professor proporcionar situações significativas e diversificadas que contemplem o brincar para aguçar na criança o gosto pela aprendizagem e pelo conhecimento. O brincar então pode e deve fazer parte tanto das atividades desenvolvidas em sala quanto no pátio.

Por fim, concluimos que os jogos, os brinquedos e as brincadeiras são elementos que quando potencializados pelas instituições de educação infantil e pelos professores, contribuem e interferem positivamente no desenvolvimento e aprendizagem da criança.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Damiana Machado de; CASARIN, Melânia de Melo. A importância do brincar para a construção do conhecimento na educação infantil. **Revista cadernos de Educação Especial**. Santa Maria, v. 1, n.19, p.45-53, 2002.

AMARAL, M. N. C. P. **Dewey: jogo e filosofia da experiência democrática**. In: KISHIMOTO, T. M (org.). *O Brincar e suas Teorias*. São Paulo: Pioneira, 2002.p.79-107.

ANDRADE, Cyrce. **A formação lúdica do professor**. In: *Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas Tv escola/ salto para o futuro*. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em:<<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165801Jogos.pdf>>. Acesso em: 10 Jul. 2013.

ANTUNES, C. **Interações, brincadeiras e valores na educação infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos direitos da criança**, 20 nov. 1959. Disponível em: < <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dc-declaracao-dc.html>.> Acesso em 23 ago. 2013.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Senado Federal, 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação**. Brasília: MEC, SEB, 2006. 32 p.

CORIA-SABINI, M. A; LUCENA, R. F. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**. 3 ed. Brasil: Editora Papyrus, 2004.

DANTAS, H. **Brincar e trabalhar**. In: KISHIMOTO, T. M (org.).O Brincar e suas Teorias. São Paulo: Pioneira, 2012.p.111-122.

FRIEDMAN, A. **O desenvolvimento da criança através do brincar**. São Paulo: moderna 2006.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: I seminário nacional: Currículo em movimento: Perspectivas Atuais, 2010, Belo horizonte. **Anais do I seminário nacional**. Belo Horizonte, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 229-245, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n2/a03v27n2.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2013.

KISHIMOTO, T. M. **Froebel e a concepção de jogo infantil**. In: KISHIMOTO, T. M (org.).O Brincar e suas Teorias. São Paulo: Pioneira, 2012.p.57-78.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2011a.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2011b.p.15-48.

PORTO, Cristina Laclette. **Brincadeira ou atividade lúdica?**. In: Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas Tv escola/ salto para o futuro. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em:<<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165801Jogos.pdf>>. Acesso em: 10 Jul. 2013.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na educação infantil: uma história que se repete**. São Paulo: Cortez, 2012.

WAJSKOP, Gisela. O brincar na educação infantil. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n.92, p.62-69, fev. 1995.